Uru-uru:
Uma história de Familia

Este livro está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional. (CC BY-NC-ND 4.0).

Isso significa que você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

Você não pode usar o material para fins comerciais.

Se você transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Santa Luzia do Itanhy: The Human Project, 2025.

NHAM

NUTRITION FOR
A HEALTHY AND
APPETIZING MEAL

COORDENAÇÃO DO PROJETO	Welancleide Alana C. S.
APOIO PEDAGÓGICO	Adelaide Nataly Santos Lícia da Anunciação M.
APOIO TÉCNICO EM SAÚDE	Eduarda C. Bastos
ILUSTRAÇÃO	Valéria Sá
HISTÓRIAS	Valéria Sá

Realização:

thp The Human Project

Parceria:

Natural one

URU URU

Depois de jogar bola com os seus amigos Carlos foi até a maré.
Mergulhou, plantou bananeira, emergiu e flutuou, sentindo os ultimos raios de sol aquecerem a sua pele. Uando ouviu um som familiar:
“Uru-uru!”

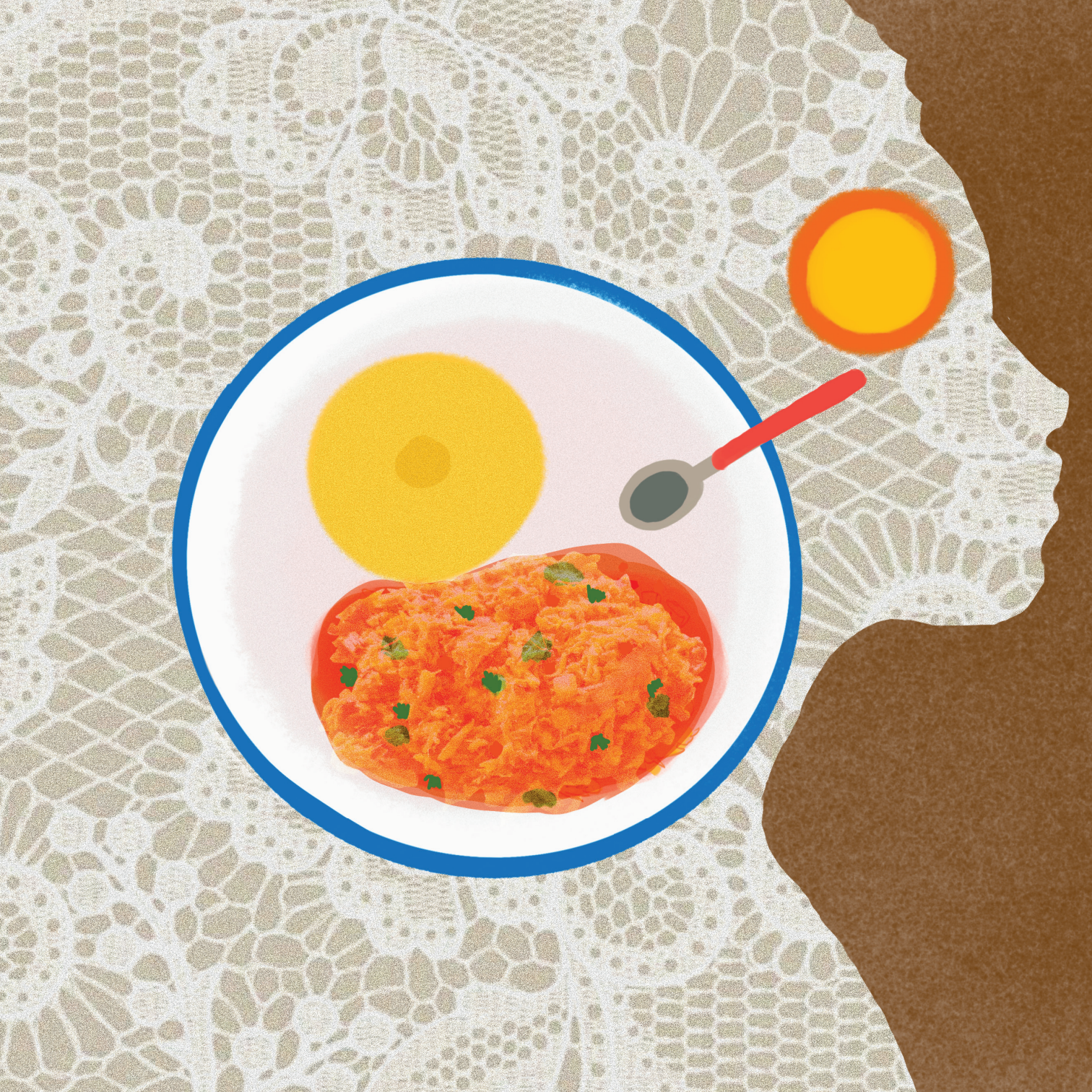
Era sua mãe, Maria, chamando-o da janela de casa. Carlos sorriu, lembrando que o mesmo som fazia os pequenos aratus se esconderem nas raízes do manguezal.

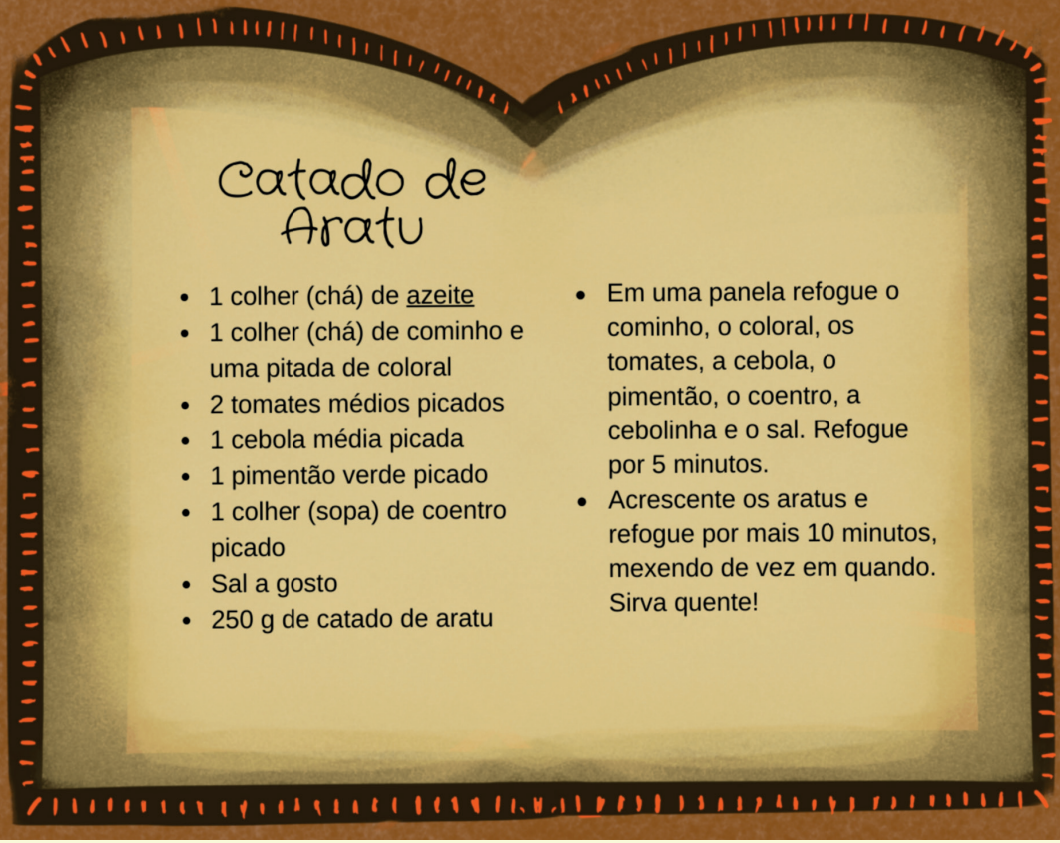
“Uru-uru! Hora de voltar, o jantar está quase pronto!” gritou Maria.

COMINHO
FARINHA DE MILHO
URU - URU
ÓLEO DE DENDÊ
COMINHO

Ao entrar em casa, Carlos sentiu o cheiro delicioso. Curioso, ele perguntou: “Mãe, por que você me chama do mesmo jeito que chama o aratu?”

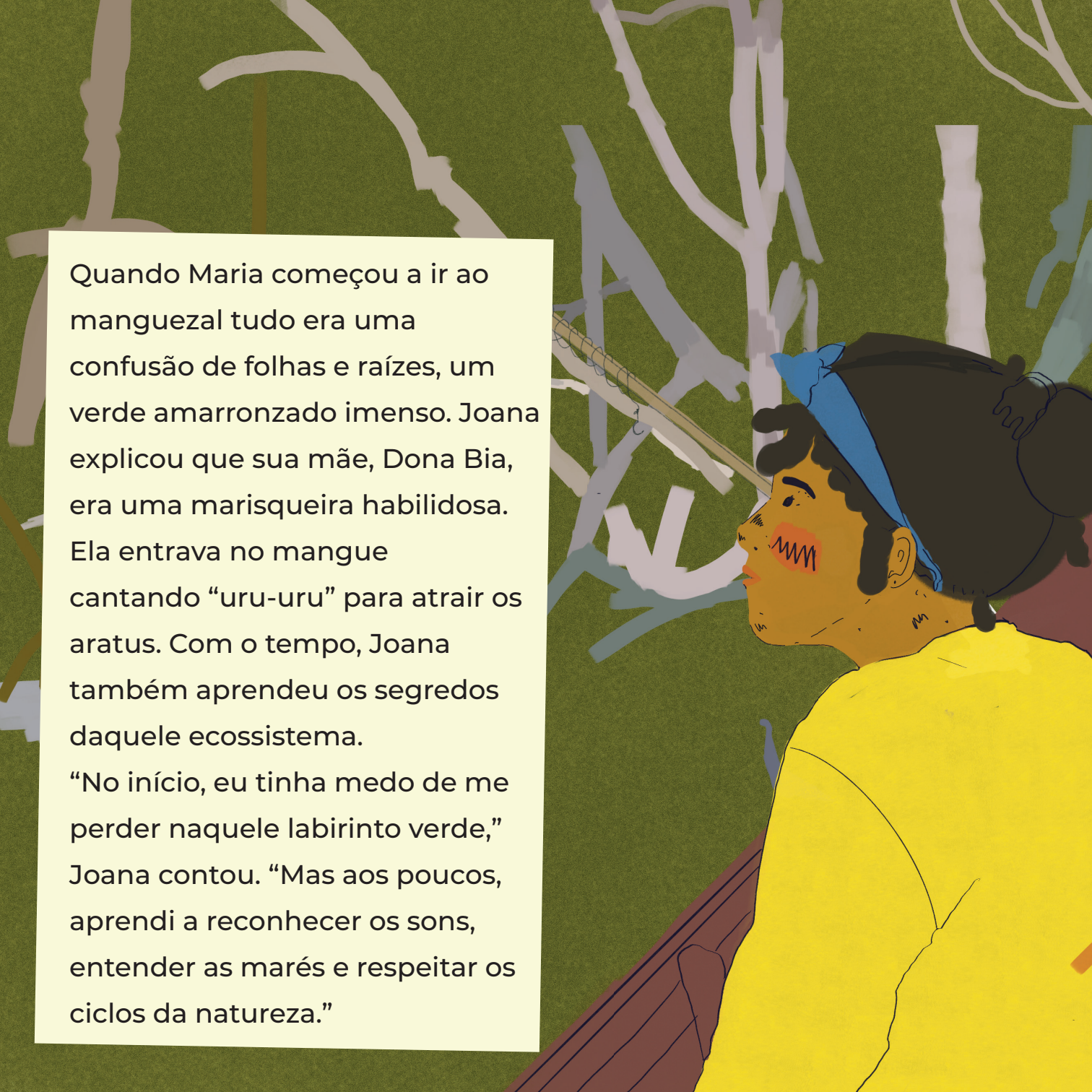
Maria sorriu, relembrando sua infância. “Era assim que minha avó me chamava para comer.
E também chamava o aratu.”
“Espera aí! Tem catado de aratu para o jantar?” Carlos perguntou animado.
“Sim, temos! E essa receita tem uma história muito especial,” Joana começou a contar. “O ‘uru-uru’ não é só um chamado. É uma tradição que passou de geração em geração.”





Uru-uru: era o som que a Dona Bia cantava para Maria voltar para casa.

Uru-uru: uma melodia para encantar o aratu que se escondia arisco nas margens do manguezal que Dona Bia e tantas outras mulheres adentravam para buscar os seus tesouros. E que tantas delas cantavam. Então, ter catado aratu para jantar era consequência de ir cantar no manguezal para capturar o aratu.

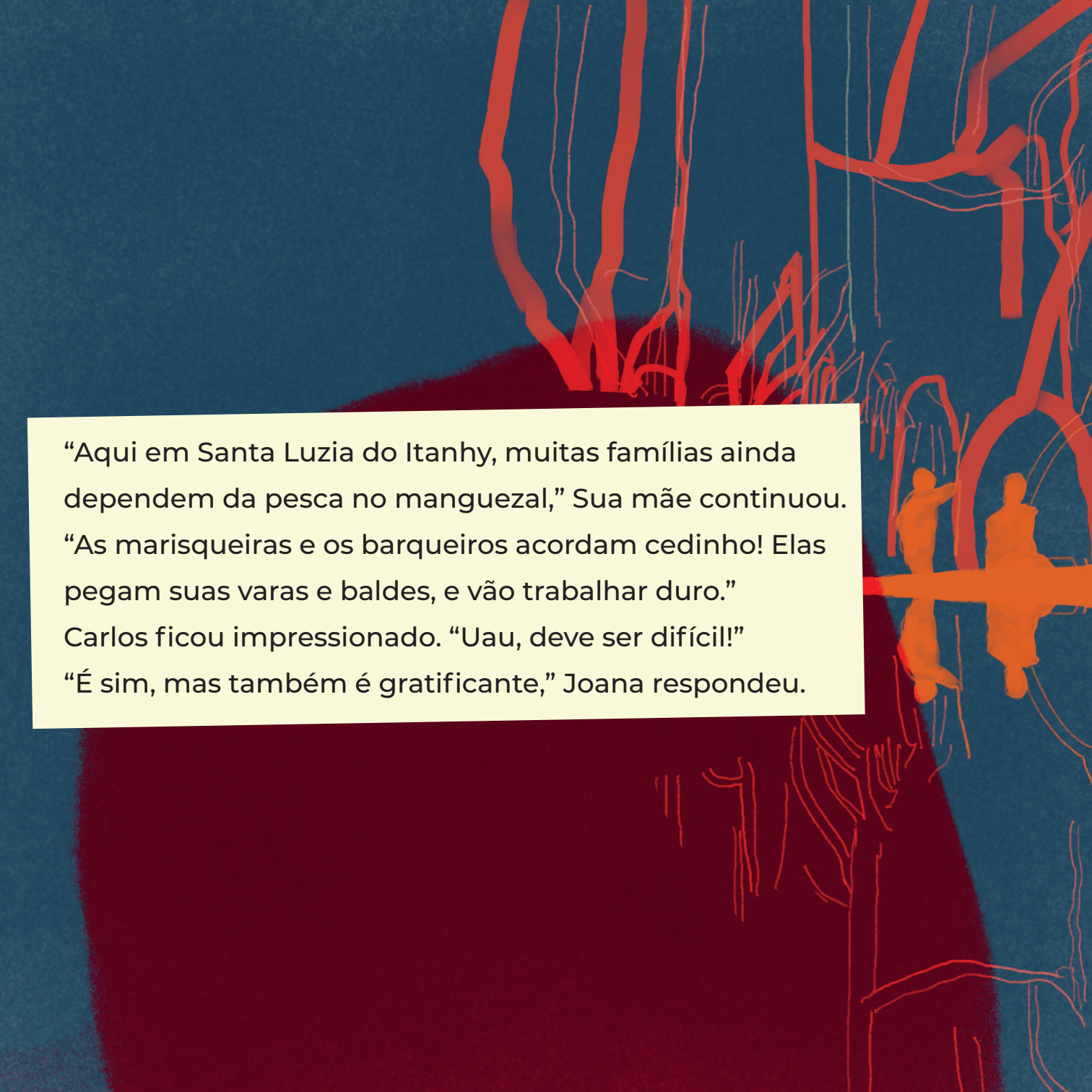


Quando Maria começou a ir ao manguezal tudo era uma confusão de folhas e raízes, um verde amarronzado imenso. Joana explicou que sua mãe, Dona Bia, era uma marisqueira habilidosa. Ela entrava no mangue cantando “uru-uru” para atrair os aratus. Com o tempo, Joana também aprendeu os segredos daquele ecossistema.

“No início, eu tinha medo de me perder naquele labirinto verde,” Joana contou. “Mas aos poucos, aprendi a reconhecer os sons, entender as marés e respeitar os ciclos da natureza.”

Sua mãe conhecia aquele manguezal como a palma da sua mão e lhe contava histórias de seres encantados, falava do comportamento dos bichos e sempre sabia quando e onde acha-los.

O mangue ainda é a segunda casa de muita gente que através da pesca coloca comida em casa. Gente que se levanta muito cedo e trabalha muito. Gente com muita história e também muitas dores. Mas que vivem do que conseguem extrair e por isso, fazem parte dele.



“Aqui em Santa Luzia do Itanhy, muitas famílias ainda dependem da pesca no manguezal,” Sua mãe continuou. “As marisqueiras e os barqueiros acordam cedinho! Elas pegam suas varas e baldes, e vão trabalhar duro.”
Carlos ficou impressionado. “Uau, deve ser difícil!”
“É sim, mas também é gratificante,” Joana respondeu.

Por exemplo; Dona Bia era expert em pescar quase tudo: Siri, sururu, ostra e caranguejo, além do aratu!
No manguezal ela trabalhava mas era na cozinha que mostrava a sua vocação

Siri Azul

Callinectes sapidus

Sururu

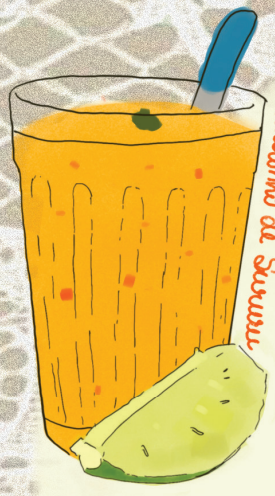
Mytella charruana

Caranguejo “Ucá”

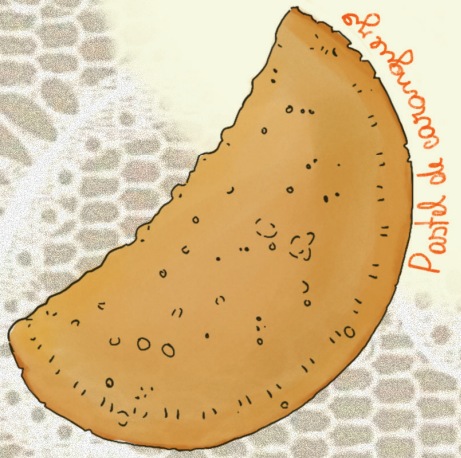
Ucides cordatus cordatus

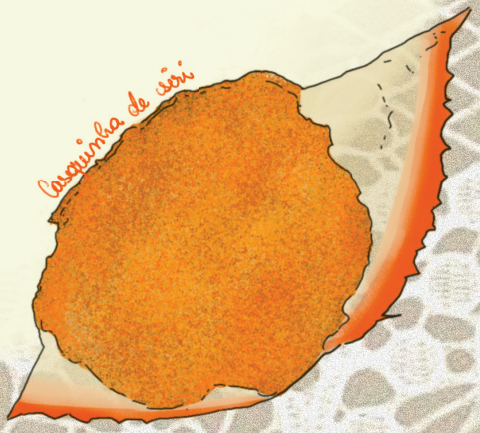
Ostra de Mangue

Crassostrea rhizophorae



Come-se ostras frescas mesmo no mangue! Pastel de caranguejo come-se como lanche. Caldinho de sururu é bom para ficar batendo papo na calçada e casquinha de Siri é comida de ocasião especial!





“Que tal aprendermos a fazer o catado de aratu juntos amanhã?” Joana sugeriu. “Oba! Mal posso esperar!” Carlos exclamou.

“Ótimo! Mas agora, vamos comer antes que esfrie,” Joana disse, servindo os pratos.

Enquanto saboreavam o delicioso catado de aratu, Carlos percebeu que aquela refeição era muito mais do que comida. Era uma história viva, um pedacinho da cultura de sua família e de Santa Luzia do Itanhy.

“Uru-uru,” Carlos murmurou, sorrindo. Agora ele entendia o verdadeiro significado daquele som tão especial.

Uru Uru

Realização:

Parceria: